

S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1924

Vol. II

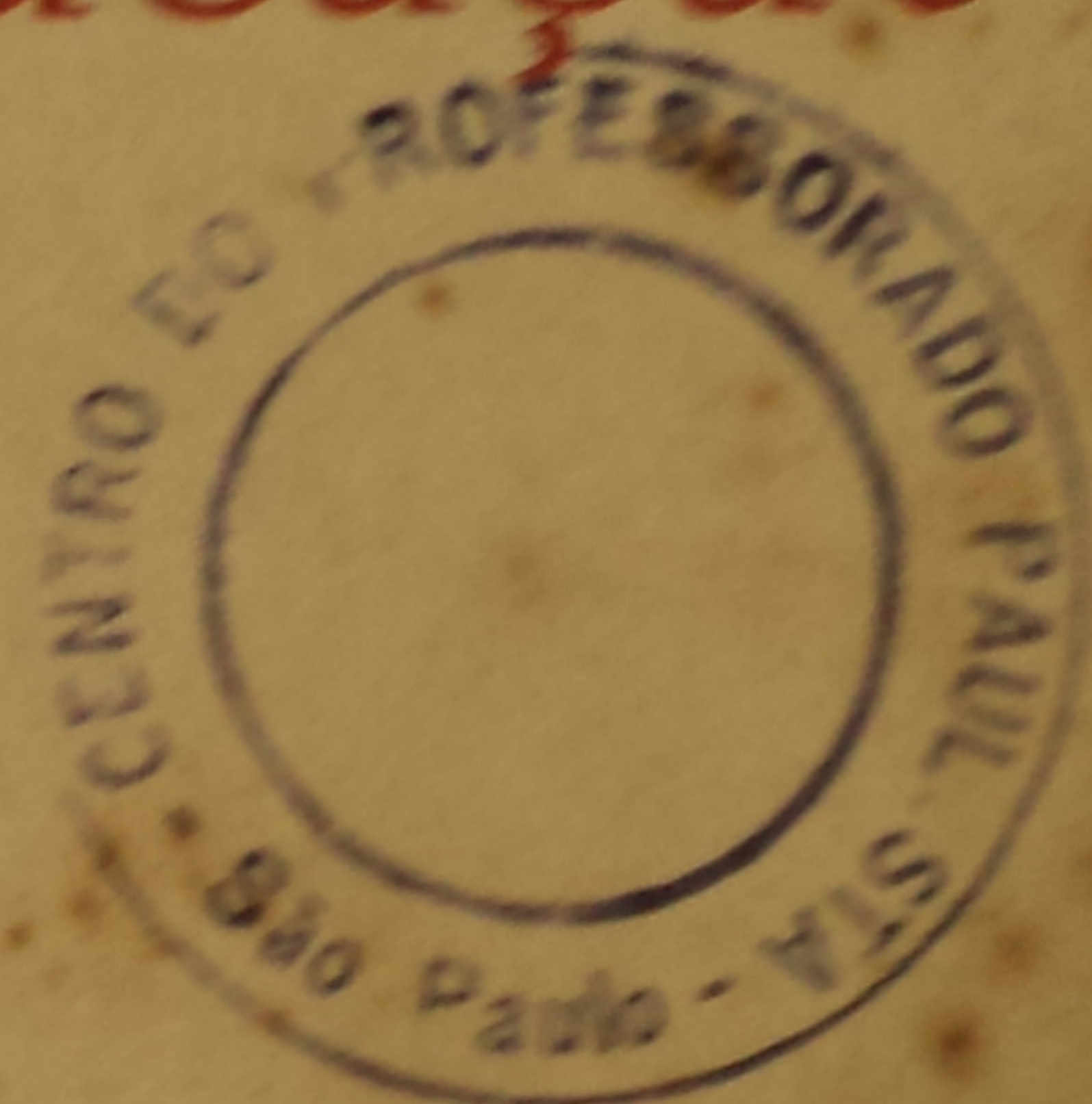
N.º 4

Revista da 4  
Sociedade de Educação

---

---

SUMMARIO



REDACÇÃO . . . . .	O exito duma reforma. . . . .	3
DR. A. DE SAMPAIO DORIA . . . . .	A educação moral . . . . .	7
DR. R. J. HADDOCK LOBO . . . . .	A vinda dos civilizadores . . . . .	—
DR. NUNO GUERNER . . . . .	A educação hygienica na escola . . . . .	49
DR. F. BORGES VIEIRA . . . . .	A prova de Schick na es- cola . . . . .	63
LIGA NACIONALISTA . . . . .	A instrucção popular. . . . .	76
	As festas escolares. . . . .	81
REVISTAS E JORNAES. . . . .		86
NOTICIARIO . . . . .		111

ASSIGNATURA ANNUAL - 12\$000

MONTEIRO LOBATO & COMP.

SÃO PAULO

EDITORES

BRASIL

belecerá, enfim, as bases de uma cultura experimental.

Quando todos os paizes se aprestam para a luta pela vida actual estamos permanecendo talvez de mais nos moldes intellectuaes do passado.

Sem officinas e sem laboratorios, de costas voltadas para nós mesmos e para as realidades nacionaes e sociaes presentes, continuamos a mergulhar nos livros e a nos saturarmos de theorias muitas vezes mortas. Entretanto as proprias sciencias sociaes se vão tornando experimentaes.

Ellas teem, hoje uma rede de ligações intimas com todas as sciencias referentes ao homem.

O horizonte da economia politica, por exemplo, dilata-se immensamente. Ella é uma sciencia cujas leis não podem deixar de ser obedecidas e interpretadas dentro dos varios ambientes sociaes.

Certo a influencia da offerta e da procura, o equilibrio da balança de pagamentos exercem em toda a parte influencia decisiva, comtudo essa mesma influencia se diversificará consideravelmente, segundo os demais phenomenos physicos e biologicos, ethnicos e sociaes.

E economia social que não existe ainda no Brasil, embora constitua, em varios paizes da propria America do Sul, objecto de estudos especiaes, nas suas universidades?!

O estudo de um povo que se não baseie na geographia do paiz onde elle vive — clima e riqueza do solo — não conhece a sua capacidade de adaptação ao meio physico, as qualidades hereditarias, as influencias historicas, a cultura da gente, a estatistica, não poderá determinar com precisão scientifica, as possibilidades de sua economia politica e social.

Ninguém poderá ignorar a importancia que irá ter para a economia do nosso paiz a delimitação das fronteiras feita pelo Barão do Rio Branco, a extincção da febre amarella obtida por Oswaldo Cruz, a obra do recenseamento conseguida por Bulhões Carvalho.

Com o conhecimento preciso da extensao do nosso territorio, com a salubridade do paiz e com o cadastro da nossa riqueza, modificamos profundamente as nossas condições economicas.

Será pequena a influencia que terá para uma concepção tal das sciencias economicas e sociaes a orientação da educação primaria estabelecida no curso de ferias, visando a finalidade da geographia, da historia e da hygiene, correlacionadas para a melhor consciencia das realidades sociaes e nacionaes presentes?

Será nullo o valor dos trabalhos manuaes no estabelecimento dos methodos activos, da visão clara das coisas?

Nessa direcção a reforma do ensino primario prepara a maior das reformas em toda a cultura brasileira.

A vossa responsabilidade é portanto immensa, mas a vossa intelligencia, a vossa energia, e vosso coração e o vosso patriotismo estão á altura dessa responsabilidade.

Não vos esqueçaes, porém, nunca, de que a educação é uma força de actuação constante e fazeis como mestras a mais sublime das creações.

Quanto entusiasmo, quanta gloria gravitam em torno dos grandes artistas — esculptores, pintores, poetas e musicos? Entretanto que representam as suas obras, nas suas consequências boas ou más, em compa-

ração com aquillo que poderá ser a vossa obra?

E assim como as obras primas dos artistas lhes trazem como trophéo o nome glorioso, dia virá em que na formação da maior dellas todas — o homem — se evoque a memoria santa do professor da sua infancia.

Conheceis todos a importancia capital das primeiras impressões e por ella deveis comprehender o valor que pode ter a escola primaria no destino dos grandes homens.

E' justamente ahi que se patenteia a differença entre o mestre apostolo e o mestre funcionario. Um é o revelador de aptidões, plasmador de intelligencias e de caracteres, o outro um méro repetidor de praxes e tomador de lições.

Ainda ha pouco, na "Escola de Altos Estudos Sociaes" na França o sabio Laugevin contava o caso de um professor illustre da Sorbonne ter sahido de uma modesta escola de aldeia, cujo mestre, admiravel descobridor e animador de intelligencias, deu ao paiz mais dez outros homens eminentes. A fecundidade maravilhosa do logarejo desapareceu, no entanto, com a morte do grande mestre escola.

Que bella lição para obtermos a medida do valor do verdadeiro mestre, e como exemplos dessa natureza deverão deixar preocupados os professores conscientes da boa realização da sua tarefa sublime?

Realmente, não pensarão os professores depois do curso dos seus alumnos, em perguntarem a si mesmos: — "Terei descoberto as verdadeiras tendencias desses futuros cidadãos da minha patria? Terei sabido encontrar e desenvolver as suas melhores faculdades? Ou não

terei embotado nelles, por falta de trabalho e de tacto, as mais decisivas tendencias, com-promettendo-lhes o destino e roubando assim excellentes elementos de progresso social?

Por que processo chegará, porém, a escola mais rapidamente a preencher um tal programma?

— Pela observação, pela experiencia, pelo respeito religioso á finalidade individual, social e humana.

Srs. professores, confio sinceramente em vós, agradecendo o vosso grande exemplo, peço graves para sempre na vossa consciencia de mestres a phrase de Kant: — *E' na educação que se esconde o mysterio do aperfeiçoamento e da felicidade dos homens.*"

#### Questões de ensino — O aprendizado educativo

Sob estes titulos, o prof. José Escobar está publicando uma serie de artigos na "Gazeta de Noticias" do Rio. De um delles, extractamos este trecho:

"A educação consta de duas formações: da formação logica ou instrucção, que consiste em ministrar conhecimentos; e da formação psychologica, que tende a provocar, a desenvolver, a modificar as diversas manifestações da vida psychica do individuo. Toda educação é cultura e provisão: formar espiritos e munil-os.

Estabeleçamos o primado da formação psychologica.

A instrucção, comparada á educação das faculdades, é uma gota de agua no oceano. Só adquirir conhecimentos é infinitamente menos valioso que desenvolver bem a atten-

ção, a percepção, a imaginação, a memória, o raciocínio, o senso estético e moral, a vontade.

Não ha no mundo nada tão grande como o homem: nem nada tão grande no homem como o espirito. Temos, pois, em nosso cerebro, o mais rico presente divino, a mais bella dádiva da natureza, o maior diamante de Golconda — o nosso espirito. Como não lapidar esse diamante, como não facetar esse espirito?

Não ha pessoa mais util do que essa que valorisa a sua propria vida interior. Transformar as qualidades potenciaes em capacidades effectivas pôde centuplicar o valor social do homem: o homem deve aproveitar o maximo de energia e de tensão do seu espirito para atravessar a existencia.

O objectivo precipuo do ensino é, então, formar e não informar o espirito (mas não ha processo de formação que não implique informação).

A educação não vale por seus productos directos, que são os conhecimentos adquiridos: mas por seus sub-productos, que são os habitos adquiridos e bem organisados: habito de observar e de raciocinar, espirito philosophico e appetite da prova.

Assim o diz Payot e friza em outro livro: Nos exames, como na vida, aos alumnos, não se deve perguntar o que "sabemos", mas o que "são". "São" attentos, reflectidos, sagazes e prudentes generalisadores? Inclinem-nos todos perante sua superioridade intellectual. São tambem senhores de si, ciosos de sua dignidade, serenos e modestos, escrupulosamente respeitadores da reputação e susceptibilidades legitimas dos outros? Prestemos homenagem ao

seu alto valor moral. A maior parte dos sabios de primeira ordem, dos grandes inventores, é mais ignorante de que seus alumnos!... A condição de toda a descoberta é, sobretudo, uma actividade de espirito infatigavel, numa determinada direcção.

A maior bagagem intellectual que um moço possa trazer da escola não é um acervo de erudição, nem um estylo elegante, mas sim, um poder de pensar por si mesmo, de ter iniciativa, de ser capaz de resolver problemas à medida que estes se apresentarem. Esta qualidade não se pôde adquirir compulsando livros, mas fazendo cousas por si mesmo, e, quanto possível, differentes.

O saber é tão grande, que se não pôde dar todo na escola: dahi a necessidade de engendrar auto-didactas, de aguçar as capacidades do espirito para adquirir o saber depois, sem a protecção dos mestres. Usemos da sciencia, mas sirvamo-nos da sciencia para aperfeiçoar o raciocínio e a observação. O fim da escola é emancipar, é formar Robinsons Cruzoés que se bastem a si proprios: com um minimo de conhecimentos, o maximo de aptidões.

O educando, aprendendo por si mesmo, adquire o poder de ensinar-se a si mesmo, ganhando o habito de direcção mental propria, da propria força: "Alterius non sit qui sui esse potest" (não seja de outrem quem só de si pôde depender).

Não tanto por um "eu posso", como por um "eu posso", é que se mede a riqueza intellectual: a instrucção só tem valor em função da intelligencia. Vale mais quem é melhor sabio, não mais sabio.

"State alla finestra della vita". A escola deve preparar as crian-

ças para as missões longas e arduas, dando-lhes o gosto da acção perseverante, exaltando-lhes o prazer da luta contra as difficuldades: deve fazel-as proverem-se a si mesmas, contarem só consigo, habitual-as ao "self support"; deve dar-lhes a posse de si mesmas, o "self control", apressando a passagem do estado de dependencia ao espirito de independencia.

A concepção biologica do espirito faz delle um dado, tendo um fim pratico. A educação é a organização dos habitos adquiridos e das tendencias à acção. O criterio de toda educação é a conducta; as facultades praticas são a gloria de nossa geração.

A escola superior, recebendo estudantes desta natureza, pôde tornal-os instrumentos capazes de fazer avançar as descobertas scientificas. Só se deve ajuizar da capacidade de um portador de diploma pelo seu poder de exito nas pesquisas."

Quantos analfabetos ha no Rio? — Os resultados do ultimo censo

Em entrevista concedida à "Gazeta de Noticias", o Sr. Dr. Bulhões Carvalho, director da Estatistica, fez as seguintes declarações a respeito do analfabetismo no Districto Federal:

— Em materia de instrucção publica elementar, a capital do Brasil não chegou ainda ao grão de aperfeiçoamento a que já attingiram, na America e na Europa, outros centros urbanos de igual importancia.

Está bem longe de poder adoptar a pratica da Hollanda, da Noruega, da Dinamarca e da Suissa, que aboliram por inutil, nos inqueritos censitarios, o quesito relativo ao analfabetis-

mo. É evidente, porém, o progresso que se vai operando na população do Rio de Janeiro (Districto Federal) sob o ponto de vista da instrucção primaria. As taxas de analfabetismo têm soffrido notaveis reduções à medida que progrediu o numero de habitantes da metropole brasileira. Assim, não fazendo restricção alguma no tocante à idade, isto é, incluindo no confronto os menores de 0 a 6 annos, — entre os quaes são naturalmente raros os que sabem ler e escrever, — verifica-se que a porcentagem dos analfabetos em relação à população total baixou de 63,8 %, em 1872, a 38,7 % em 1920. Esse coefficiente será ainda mais verdadeiro se, como é de regra, forem eliminadas do calculo as crianças com idade inferior a 7 annos. Feita essa eliminação, a taxa dos illetrados se reduzirá a 28,0 %, numero relativo que exprime mais exactamente a situação dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro quanto ao grão de cultura intellectual no anno de 1920.

— Para avaliar os progressos do ensino elementar, em períodos successivos, torna-se necessario levar em conta a idade dos habitantes em condições de receber instrucção. Sem esse criterio, não se poderá ter uma noção exacta do desenvolvimento intellectual da população, sendo indispensavel, para firmar um juizo perfeito sob o ponto de vista censitario, excluir do numero total de habitantes as crianças de menos de 7 annos e fazer o confronto apenas entre os individuos das outras idades, afim de evitar o exagero nas porcentagens de analfabetismo. Se o estudo comparativo prescindir dessa restricção, as conclusões serão inexactas, não exprimindo ri-

gorosamente a verdade. Assim, por exemplo, o cotejo dos algarismos apurados no recenseamento de 1906 com os obtidos no censo de 1890, tomando por base a população total, forneceria a falsa conclusão de que no longo período de 16 annos a cidade do Rio de Janeiro manteve-se quasi estacionaria, no que diz respeito á instrucção clementar, pois são quasi identicos, nos dois annos, os coeficientes dos analphabetos (48,1 %, em 1906, conta 48,3 %, em 1890). Eliminando-se, porém, os menores de 6 annos, dos totaes apurados nos dois alludidos inqueritos, é menos deprimente o confronto, porquanto se verifica a reducção da taxa de analphabetos de 41,2 %, em 1890, para 40,2 %, em 1906.

— Comparando-se as proporções do analphabetismo encontradas em 1890 com as verificadas em 1872, observa-se que, no decurso dos 18 annos que medeiam entre os dois recenseamentos, houve uma accentuada melhora, tanto mais digna de nota quando, nesse intervalo, augmentou no Rio de Janeiro a quota dos individuos de idade inferior a 11 annos, isto é, aquelles em que é mais consideravel a proporção de analphabetos. Deduzindo-se, porém, do total de 522.651 habitantes do Rio de Janeiro em 1890, os 63.200 que, nessa época, pertenciam ao grupo de 0 a 5 annos, as taxas acima indicadas passam a representar o seu verdadeiro valor, subindo o coefficiente dos que sabem ler de 51,72 % a 58,30 % e descendo o dos analphabetos de 48,28 % a 41,20 %".

Tanto na população urbana, como nas populações suburbana e maritima, são muito menores em 1920 que em 1906

os coefficientes do analphabetismo, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, quer em relação ao numero de habitantes. Na população urbana, a reducção das taxas é mais notavel entre as pessoas do sexo masculino, no grupo de 15 e mais annos (159 homens ‰, em 1920, contra 285 homens ‰, em 1906), e entre as pessoas do sexo feminino, no grupo de 7 e 14 annos (322 mulheres ‰, em 1920, contra 441 mulheres ‰, em 1906), correspondendo a differença quanto ao numero de habitantes, nos dois alludidos grupos, ás seguintes relações proporçionaes: 313 e 228 analphabetos em 1.000 habitantes de 7 a 14 e de 15 e mais annos, em 1920, contra 424 e 334 analphabetos em 1.000 habitantes dos mesmos grupos, em 1906.

— Convém assignalar, todavia, que na população estrangeira, é relativamente diminuto o numero de habitantes de menos de 15 annos (13.509 estrangeiros, contra 357.472 brasileiros), o que explica os coefficientes relativamente favoraveis quanto ao gráo de instrucção em 1.000 habitantes estrangeiros de todas as idades e em 1.000 habitantes estrangeiros do sexo masculino.

O confronto da população nacional com a população estrangeira, sob o ponto de vista do gráo de instrucção, nos dois grupos de idades de 7 a 14 annos e de 15 e mais annos, fornece as seguintes indicações:

Em 1.000 homens brasileiros, em 1.000 mulheres brasileiras, e em 1.000 habitantes brasileiros, a proporção dos que sabem ler é mais elevada que a dos illetrados nos dois alludidos grupos de idades,

quer na população terrestre, urbana e suburbana, quer na população maritima, verificando-se os mais baixos coefficientes de analphabetismo nos brasileiros do sexo masculino e de mais de 15 annos e as mais elevadas taxas entre as mulheres brasileiras de 7 a 14 annos.

Em 1.000 homens estrangeiros e em 1.000 habitantes estrangeiros, a proporção dos que sabem ler é tambem maior que a dos illetrados nas idades comprehendidas entre 7 e 14 annos e 15 e mais annos, quer na população terrestre, urbana e suburbana, quer na população maritima, observando-se coefficientes de analphabetos mais elevados entre os homens estrangeiros e entre os habitantes estrangeiros de 15 e mais annos do que entre os homens brasileiros e entre os habitantes brasileiros das mesmas idades.

Em 1.000 mulheres estrangeiras, a proporção das que sabem ler é, em geral, maior que a das analphabetas nos dois grupos de idades (7 a 14 e 15 e mais annos), quer na população terrestre quer na maritima, fazendo apenas excepção á regra a taxa correspondente ao sexo feminino na população suburbana. São, todavia, muito mais notaveis entre as mulheres estrangeiras do que entre as mulheres brasileiras os coefficientes de analphabetismo referentes ao grupo de idades de 15 e mais annos.

— O confronto da população nacional com a estrangeira, sob o ponto de vista do gráo de instrucção, demonstra que no grupo de 15 e mais annos os coefficientes de analphabetismo são muito maiores entre os estrangeiros do que entre os

brasileiros, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, quer em relação ao numero de habitantes das mesmas idades.

Em 1.000 homens brasileiros de 15 e mais annos, 835 sabem ler e apenas 165 são analphabetos; em 1.000 homens estrangeiros de 15 e mais annos, 771 sabem ler e 229 são analphabetos.

Em 1.000 mulheres brasileiras de 15 e mais annos, 698 sabem ler e 302 são analphabetas; em 1.000 mulheres estrangeiras de 15 e mais annos, 540 sabem ler e 460 são analphabetas.

Em 1.000 habitantes brasileiros de 15 e mais annos, 763 sabem ler e 237 são analphabetas; em 1.000 habitantes estrangeiros de 15 e mais annos, 692 sabem ler e 308 são analphabetos.

Provam estes coefficientes a influencia do elemento estrangeiro para o augmento da taxa geral de analphabetismo, influencia que não se evidencia nas relações proporçionaes correspondentes aos estrangeiros de menos de 15 annos, porque os individuos de 0 a 14 annos são mais numerosos entre os habitantes brasileiros do Districto Federal do que entre os que constituem as varias colonias estrangeiras residentes na cidade do Rio de Janeiro.

— No que diz respeito ao estado civil, verifica-se que na população brasileira de mais de 15 annos, os analphabetos são mais numerosos entre os solteiros e viuvos do que entre os casados, correspondendo aos viuvos, em cada um dos sexos e em relação ao numero de habitantes, os mais elevados coefficientes: 329 homens viu-

vos, 403 mulheres viúvas e 374 habitantes viúvos, que não sabem ler, contra 761 homens viúvos, 597 mulheres viúvas, e 626 habitantes viúvos, que sabem ler.

Na população estrangeira de mais de 15 annos, ao contrario do que se observa entre os brasileiros, são os analphabetos proporcionalmente mais numerosos entre os casados do que entre os solteiros, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, quer ainda em relação ao numero de habitantes, verificando-se, igualmente, á semelhança do que succede na população brasileira, proporção mais notavel de analphabetos entre os viúvos, sobretudo no sexo feminino (248 homens casados e 280 homens viúvos, 472 mulheres casadas e 538 mulheres viúvas, que não sabem ler, contra 752 homens casados e 720 homens viúvos, 528 mulheres casadas e 462 mulheres viúvas, que sabem ler). Em 1.000 estrangeiros, os coefficients de analphabetismo são mais avultados entre os casados e viúvos do que entre os solteiros (329 casados e 453 viúvos analphabetos, contra 671 casados e 547 viúvos, que sabem ler).

Considerada em conjuncto a população de mais de 15 annos, o numero proporcional dos que sabem ler e escrever é tambem maior do que o dos illetrados entre os solteiros, casados, e viúvos, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, quer ainda em relação ao numero de habitantes, notando-se apenas que os viúvos analphabetos são proporcionalmente mais numerosos do que os solteiros e casados, tanto no sexo masculino como no sexo feminino e tambem quanto ao

numero de habitantes (256 homens viúvos, 435 mulheres viúvas e 395 habitantes viúvos, que não sabem ler, contra 744 homens viúvos, 565 mulheres viúvas e 605 habitantes viúvos, que sabem ler.)

*Gazeta de Noticias*, do Rio, 23 de Dezembro de 1923.

#### Estudos da natureza — Lições sobre plantas

De um trabalho do sr. Arnaldo Barreto sob os titulos acima, extrahimos o seguinte trecho:

"Os nomes pretenciosos com que se titula, nos programas de instrucção primaria, o ensino das formas e forças da Natureza, é preciso, em homenagem á verdade pedagogica, que sejam para o futuro trocados por outros mais modestos.

De facto, para que chamarse Botanica, Zoologia, Mineralogia, etc., o estudo elementarissimo das plantas, animaes, mineraes, etc., se não é a sciencia em si, que, sob taes denominações, se vai ensinar ás crianças, mas somente aquella pequenissima parte que o professor tem de manejar como um instrumento de educação mental dos seus alumnos?

Sob a denominação geral de Estudos da Natureza, chamemos-lhes, pois, Lições sobre plantas, Lições sobre animaes, Lições sobre mineraes, etc., forçando o professor a limitar, dentro deste estreito ambiente, toda a sua acção, e nunca ultrapassá-lo.

Ademais, é mesmo nesse estreito ambiente que está o seu verdadeiro valor pedagogico.

O estudo da Natureza não tem por unico objectivo fazer

conhecidos das crianças os animaes, as plantas e os mineraes.

O que importa, sobretudo, é despertar-lhes o interesse pela natureza e este é o seu fim culminante. Os outros dois objectivos a atingir-se são: habituar a criança a observar, a comparar e a traduzir com clareza as suas idéas, fomentando-lhe, ao mesmo passo, o gosto pelas investigações originaes; e adquirir conhecimentos.

Ora, para collimar estes fins, isto é, interesse, poder mental e illustração, o *livro* deverá ser a propria Natureza. Nada de compendios, que só servem para vendiar, aos olhos da infancia, as maravilhas com que Deus cercou o homem, para lhe formar o espirito e o coração!

Assim, a planta se estudará, não para lhe ser conhecida simplesmente a estrutura, mas como um organismo vivo. A criança deverá aprender que cada parte corresponde a uma funcção especial, e descobrirá que a funcção e o modo de desempenhá-la é que determinam a sua forma e a sua estrutura. O estudo das sementes, brotos, flores, começará com o conhecimento, desenvolvimento e crescimento da planta até chegar á investigação da forma, e terminar no exame dos tecidos.

A comparação das funcções e estrutura das differentes plantas originará a classificação.

Assim, a ordem do estudo da planta deverá ser:

- a) Vida, crescimento e desenvolvimento;
- b) Uso ou funcção;
- c) Estrutura;
- d) Comparação;
- e) Classificação.

No *Manual do Mestre*, escripto para os professores de Cuba, aconselha-se, a este proposito que o ensino da planta seja relacionado com os agentes do meio ambiente: luz, ar, solo, clima e outras plantas, assim como tambem com os animaes inferiores e, finalmente, com o homem.

Mas, todo o ensino deverá ser feito passo a passo, não na ordem logica da sciencia, mas na ordem pedagogica, limitada ao circulo do poder mental da criança, em funcção das phases da sua evolução.

Para os pequeninos do 1.º e do 2.º anno, cujo poder de generalização é quasi nullo, convem limitar o ensino da planta á germinação, desenvolvimento, crescimento e estrutura de tres ou quatro plantas typicas, como o feijão, o milho, o arroz e a abóbora, estudando apenas aquelles caracteres faccis de comprehender.

Pouco a pouco se entrará no conhecimento de outras plantas phanerogamicas ou cryptogamicas, procurando-se sempre completar e encadear as idéas da criança.

Qualquer que seja o assumpto estudado, as perguntas deverão ser sempre: Que ou qual? Porque? Como?

*Primeiro*: Qual é a sua funcção e em que consiste?

*Segundo*: Porque desempenha essa funcção, e porque motivo?

*Tercero*: Como a desempenha e porque assim succede?

Por este processo se interessará vivamente o espirito da criança no conhecimento da planta e de suas funcções, conduzindo a sua curiosidade a indagar como vivem, como crescem e se desenvolvem outras

O estudo, o livro, a theoria positiva são indispensaveis para melhor aproveitamento de qualquer esforço e de qualquer trabalho, por mais rude que seja.

O sr. Arsène Dumont mostrou, estudando a demographia da França moderna, que "as communas, onde não se produz nenhuma idéa, perecem, diminuem em população e em riqueza, pela emigração dos homens e de capitaes e pela baixa da natalidade. Ao contrario, as communas francezas, onde se fazem applicações novas da sciencia á industria, ao commercio, á agricultura ou á horticultura, a população cresce em valor e em numero pela imigração e pela elevação da natalidade.

Isso mostra a importancia das idéas sobre a exploração economica de uma região. Mas desenvolvimento de idéas utilizaveis, modernas, produzidas pelo ensino positivo de applicações industriaes e agricolas.

A nova pedagogia gera idéas assim. As outras idéas são, porém, prejudiciaes. Precisamos de idéas vivas, de idéas fecundas, não de idéas mortas, que já perderam toda a sua eficiencia social. O problema do ensino não pôde afastar-se desses principios novos. Os exemplos estão ahí, na criação de novos valores das nações modernas.

O Japão passou de uma civilização barbaresca e oriental a explorador da civilização technica de hoje, pelo aproveitamento, assimilação e disseminação das idéas novas. São as idéas que transformam o trabalho. O ensino agricola vale pela attenção que desperta, pelas aptidões que revela, pelas idéas que espalha, pela educa-

ção de cerebros creadores nas suas proprias profissões.

A separação entre a cultura e certas profissões productoras foi um dos grandes erros das civilizações antigas. Hoje, todo o esforço moderno consiste em fazer o ensino util a todas as profissões. No Brasil, já vamos creando institutos de ensino superior agricola e industrial, mas as escolas primarias não correspondem ás necessidades modernas. E' preciso preparar a opinião para essa salutar transformação".

Bassanio

*Industria e Commercio*, Rio de Janeiro, n.º 79.

A escola antiga e a escola moderna

Qual a differença essencial entre a escola antiga e a moderna? Muitas escolas de antigo padrão ainda nos cercam; innumeradas outras, que se dizem modernas, reclamam o apoio do publico. Alguns institutos velhos fingem novidade; enquanto que certos estabelecimentos antigos produzem resultados de fazer inveja ás ambiciosas escolas modernas.

Como fazer a distincção entre um e outro typo? Será no mobiliario? no numero de alumnos? no periodo escolar? nas formas de actividades desenvolvidas? nos assumptos ensinados? ou, talvez, no preço? Em nenhum desses elementos. Duas escolas podem ser eguaes em todas essas circumstancias e, no entretanto, uma dellas merecer com justiça o qualificativo de moderna e, a outra, o de antiga. A differença fundamental entre os dois typos reside em um ponto exclusivo: no mo-

do de comportar-se por parte do espirito da creança. Si a creança activamente se interessa pela sua propria educação, a escola é moderna, seja ou não recente. Mas, se a creança está passivamente esperando por alguém que a venha educar, a escola é antiga, embora de apparencia nova. A actividade, o espirito de iniciativa, a expontaneidade, por parte da creança, são indícios da escola nova. A passividade, qualquer que seja a sua causa, é signal da escola antiga.

Nesta questão de modernismo, a Europa, pelo menos em theoria, foi além da America. A "Liga Internacional para a educação nova" adoptou, em 1921, uma carta de principios e de idéaes exprimindo as mais progressistas esperanças. Por exemplo: "O objectivo essencial de toda educação deve ser incutir na creança o desejo da supremacia do espirito sobre a materia, e exprimir essa supremacia nos actos da vida diaria". A expressão "exercitar", "treinar", acompanha sempre a plataforma das escolas modernas.

"A liberdade é a unica disciplina" é um dos apregoados principios desses institutos. Em certas escolas publicas de Hamburgo, orientadas por Paulsen, a liberdade da creança é assegurada e protegida de maneira excepcional, como se vê nos recentes relatorios dessa cidade.

"Nessas escolas, affirma Carleton W. Washburne, superintendente das escolas publicas de Winnetka, Illinois, não existem lições, nem cursos de estudos, ou programmas, nem grãos, e, consequentemente, nem promoções. Não ha exames e, por isso nenhum signal de re-

provação ou premio como punição ou recompensa aos actos dos alumnos. Não ha disciplina para os professores, que não estão mesmo sujeitos á autoridade do director. As escolas são verdadeiramente anarchistas. Os alumnos procuram o professor que desejam, associando-se aos collegas mais novos ou aos mais velhos, desde que se sintam aptos para isso. O professor prelecciona sómente sobre cousas que o interessam, ou aos alumnos. A escola lá está, lá está o professor, lá se acham os alumnos: é tudo quanto esses estabelecimentos têm de commum com os outros. Ha erros, ha frequentemente inefficiencia; mas de tudo isso emerge o espirito de cooperação, de espontaneidade e de desenvolvimento individual, o que é o verdadeiro ideal". Apenas em duas escolas da Czecho-Slovakia, onde muita liberdade foi permittida, encontra-se cousa semelhante.

A philosophia das escolas de Hamburgo é expressa por ella mesma do seguinte modo: "Não conhecemos o que uma creança está destinada a ser ou a fazer, no futuro. Não sabemos, na Allemanha, que especie de governo ou organização industrial existirá amanhã, quando essas creanças crescerem: si será socialista, ou capitalista, ou anarchista, ou republicana. Não sabemos como resolver os problemas que a humanidade enfrenta; por isso, não podemos exercitar os alumnos a solucionalos".

Sabemos apenas de uma cousa: Essas creanças são seres vivos e, como taes, têm o direito de se desenvolverem livremente. Não desejamos impor-lhes ideias velhas, nem perder tempo aprofundando-as em conhe-

cimentos que nunca usarão ou que poderão adquirir facilmente quando adultas, debaixo da pressão da necessidade, em vez de aprendel-as lentamente na infancia. Si cada creança tornar-se apta a desenvolver completa e livremente a sua individualidade, produziremos uma raça que poderá enfrentar os problemas da vida com originalidade e coragem. Taes creanças talvez possuam uma scintilla nova que a escola antiga abafa. Em todos os tempos ellas devem ser livres pensadoras intemeratas e homens completos".

E' este, sem duvida, o mais liberal systema educativo de todo o mundo. Alem disso, a fermentação interna da Allemanha permite hoje a esse programma meramente escolar transformar-se em instituição social e applicar-se á vida publica. Certas escolas modernas na America do Norte usam linguagem analogica, ao explanarem seus programmas, mas, na pratica, estão longe disso. As exigencias da vida commum, a necessidade de preparo tecnico para o ganha-pão quotidiano ou para a entrada nos cursos secundarios e superiores, impõem limites severos a esse chamado "pleno e livre desenvolvimento da individualidade".

Críticando o arrojo dessa inovação, um professor suíço julga-o com extrema severidade, declarando, afinal, que na sua patria ella não encontrará sympathias. E diversos educadores americanos acham que os dias da escola hamburgueza serão curtos. Dentro em breve voltará ella ao caminho usual. Em todo caso, dizem elles, a novidade pode ser boa, mas só para Hamburgo...

*The Survey*, Nova York, 15 de dezembro, 1923.

#### A uniformização da inspecção medico-escolar

O dr. Carl E. Buck, epidemiologista da Repartição Sanitaria de Detroit, Estados Unidos, mostra a falta de uniformidade no criterio dos medicos escolares, os inconvenientes que dahi advêm, e o modo pelo qual Detroit procura resolver essa questão.

Para se ter uma ideia das divergencias entre os inspectores medicos das escolas, basta comparar as estatisticas de duas ou mais cidades, ou nas diversas partes de uma mesma cidade, no tocante aos defeitos physicos assignalados entre as creanças. Em S. Luiz, por exemplo, registam-se amygdalas hypertrophiadas em 5% dos alumnos, e, em Toronto, em 39%. Os ganglios cervicaes hypertrophiados são avaliados em 1% em S. Luiz, e em 34% em S. Francisco. Ha 4% de casos de respiração buccal em Minneapolis, e 24% em Toronto; 3% de visão defeituosa em Atlanta, e 23% em Milwaukee. E' certo que deve haver divergencia nos resultados das varias cidades. Mas os numeros acima fazem pensar antes em differenças de opinião pessoal dos examinadores. Ficamos, pois, em difficuldades para formar um juizo seguro a respeito do verdadeiro estado physico dos alumnos deste ou daquelle lugar; e nem podemos comparar os resultados obtidos por um medico com os fornecidos pelos seus collegas.

O remedio é a uniformização, nos seguintes moldes:

1) Existencia de um curso que instrua previamente os medicos escolares, antes de se lhes confiar a inspecção das escolas.

2) Definição clara e simples de cada um dos defeitos physicos procurados.

3) Uma escala uniforme para a graduação dos defeitos physicos da creança.

4) Um methodo unico para o registro dos dados referentes á correccão desses defeitos.

Detroit está procurando atingir esse ideal. O que ali se faz não é, por enquanto, perfeito, mas é um passo notavel no sentido da perfeição.

Não existe, propriamente, preparo especial dos candidatos a medicos das escolas. Mas annualmente, os tres primeiros dias de aula são consagrados a exercicios em conjuncto, nos quaes as creanças são examinadas separadamente pelos inspectores, e estes, depois, comparam os resultados de cada divergencia. No decurso do anno, si preciso, dão-se outras reuniões para o mesmo fim.

A escala de defeitos physicos inclue, não sómente a definição de cada um destes, mas tambem os symbolos que os devem exprimir. Eil-os:

0 — significa normalidade.

00 — significa anomalia convenientemente corrigida, como, por exemplo, vista defeituosa compensada pelo uzo de lentes.

1 — pequeno defeito, que não prejudica a saude da creança, nem actual, nem futuramente, e que dispensa a attenção do medico.

2X — defeito de média gravidade, nocivo actual ou futuramente á saude da creança, e que exige attenção do medico.

3X — defeito grave, exigindo immediatos cuidados.

00/2X ou 00/3X significa defeito mal corrigido, e necessitando ainda de cuidados medicos.

Applicando estes symbolos a

um caso particular, como, por exemplo, o exame das amygdalas, temos o seguinte:

0 — normalidade.

00 — as amygdalas foram removidas convenientemente. Quando a operação foi mal feita, marca-se com 00/1, 00/2 ou 00/3, segundo o caso. Conte-se 00/2 ou 00/3 como defeito.

1 — amygdalas ligeiramente augmentadas, mostrando signaes de infecção actual ou passada.

2X — amygdalas ligeiramente augmentadas, mostrando signaes de infecção actual ou passada. Si ha infecção actual, accrescente-se P.

3X — amygdala tocando, ou quasi, a do lado opposto.

Para melhorar o serviço, dividiram-se ainda os medicos em grupos de especialistas. O exame physico compete a um grupo; outro grupo pratica a immunização das creanças; e um terceiro, o dos "diagnostica-dores", occupa-se unicamente da descoberta de casos de molestias contagiosas.

As clinicas escolares, a principio entregues aos medicos, estão hoje nas mãos das enfermeiras escolas. Obrigam-se estas a tratar pequenos males, como córtes, queimaduras, molestias leves da pelle; ou a examinar as creanças que, depois da molestia, regressam á escola, assim como as enviadas pelos directores e professores, como suspeitas. Puzeram-se enfermeiras no lugar dos medicos, porque estes perdiam longo tempo, com o tratamento de pequenas cousas, a que aquellas podiam consagrar os necessarios cuidados.

Considerando ainda que o pessoal medico é insufficiente, e não alcançará tão cedo o numero preciso, Detroit procura

PROF. LOURENÇO FILHO

Findo o contracto que mantinha com o governo do Ceará para reorganizar a instrução publica estadual, regressou a S. Paulo o sr. professor Lourenço Filho, lente de pedagogia e psicologia da Escola Normal de Piracicaba.

Em Fortaleza, seu embarque foi muito concorrido, notando-se a presença do representante do presidente do Estado, do mundo official, muitos professores e amigos.

Um grupo de professoras offereceu um estojo de prata e um ramallete de flores á senhora Lourenço Filho.

A proposito da partida do professor Lourenço Filho para São Paulo, "A Tribuna", organ da opposição, affirma que o educador paulista dirigiu com competencia o departamento da insarucção publica.

O "Diario", jornal official, diz o seguinte:

"O educador sulista occupou, elevando o lustre de seu nome, as pesadas funcções de director da instrução publica, cargo que desempenhou de modo cabal e digno. São, pois, muito fortes e justificadas as admirações que s. s. conquistou no Ceará, cuja causa pelo ensino primario soube muito bem amparar, por caminhos seguros e auspiciosos".

"O Nordeste", organ catholico independente, historia e analisa a reforma e os dois ul-

timos annos de instrução no Ceará, e diz:

"O professor Lourenço Filho póde voltar á sua terra certo de haver realisado grandiosa obra de patriotismo, que cobrirá de glorias o seu nome, já muito sympathico ao povo desta terra, que tanto lhe deve".

"O Correio" assim noticia:

"Regressa hoje ao seu Estado natal, o professor Lourenço Filho, que, criteriosa e abnegadamente, vinha governando os negocios do ensino publico de nossa terra. O provector educador paulista, chamado na administração do saudoso presidente Justiniano Serpa, para reformar os processos educativos no Estado, realisou obra admiravel que causa admiração a todos os bons cearenses".

"O Nordeste" publica uma longa entrevista que obteve do professor Lourenço Filho, a respeito das medidas contidas na reforma, as quaes o entrevistado resume no seguinte:

1.º — Do aperfeiçoamento do ensino depende todo o futuro do ensino particular.

2.º — Ao lado do ensino urbano, deve-se organizar o ensino rural.

3.º — Desenvolver a caixa escolar.

4.º — Manter, com criterio, a selecção do professorado.

5.º — Elevar os vencimentos do professorado.

6.º — Não permittir a deslocação das escolas do interior para o municipio da capital.

REORGANISAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E SECUNDARIO DO PAIZ

Em sessão de 21 de Dezembro do Senado Federal, ao discutir-se o orçamento do Interior para 1924, o sr. Paulo de Frontin justificou algumas emendas, fazendo estudo detalhado da materia e criticando a disposição que autoriza o governo a realizar mais uma reforma do ensino superior e secundario da Republica. Depois de varias considerações, passou a fundamentar a sua emenda, que está assim redigida:

"Fica o Poder Executivo autorizado a reorganizar o ensino superior e secundario, attendendo ás necessidades reconhecidas pela pratica, podendo:

a) Criar o Departamento Nacional da Instrução Publica, com a necessaria acção para resolver os assumptos peculiares ao ensino e dirigir os serviços a elle relativos;

b) Remodelar o conselho superior do ensino e o conselho universitario e crear o Conselho Nacional da Instrução, como organ de fiscalização e superintendencia do ensino e de consulta das materias a elle atinentes, mantendo, nos termos da lei, a autonomia didactica dos institutos de ensino superior e secundario;

c) Estabelecer o concurso de provas, como meio exclusivo para as nomeações de professores de cursos superiores e secundarios;

d) Supprimir os cargos de professores substitutos, respeitados os direitos adquiridos;

e) Supprimir o regimen dos exames parcellados e instituir o de seriação obrigatoria no curso secundario;

f) Dividir, fundir, supprimir e crear cadeiras nos insti-

tutos de ensino superior e secundario;

g) Restringir a equiparação aos officiaes dos institutos de ensino superior, estabelecendo normas rigorosas para esse fim e, em nenhuma hypothese, podendo gosar das regalias de equiparação os institutos de ensino que se filiem a corporações estrangeiras ou dependam de autoridades extranhas ao Brasil;

h) Officializar institutos de ensino superior nos Estados, desde que estes os subvencionem convenientemente e que os mesmos institutos possuam patrimonios julgados sufficientes e corpo docente de competencia reconhecida pelo Conselho Nacional de Instrução;

i) Criar bancas examinadoras para nos institutos de ensino secundario da Capital Federal e dos Estados, aos quaes fôr concedida essa regalia procederem ao exame por série dos alumnos matriculados que cursarem os mesmos institutos;

j) crear no Collegio Pedro II um curso superior, que será denominado "Faculdade de Letras", conferindo aos nelle formados o grau de bacharel em letras;

k) conferir aos directores dos institutos federaes, de ensino superior e secundario, os quaes serão sempre escolhidos entre os professores cathedra-ticos effectivos, em disponibilidade ou jubilados, todas as funcções administrativas inherentes á regularidade dos serviços escolares, havendo de suas decisões nesse particular recurso para o Ministerio da Justiça e Negocio Interiores.

Paragrapho 1.º — Para a execução desta reforma, o governo fará a necessaria revisão das consignações votadas no orça-



mento das subvenções e das rendas escolares e poderá abrir créditos até 300:000\$000.

Paragrapho 2.º — O governo organizará e executará um plano de diffusão do ensino primario nos Estados, directamente ou por accôrdo com os respectivos governos, podendo abrir créditos até á importancia de 500:000\$000."

**FUNDA-SE, EM FORTALEZA, A "SOCIEDADE CEARENSE DE EDUCAÇÃO"**

A 1.º de Dezembro ultimo, em Fortaleza (Ceará), na redacção do *O Nordeste*, estiveram reunidos os srs. drs. Pimentel Junior, José Sombra, João Hipólito de Azevedo e Sá, Sylla Ribeiro e Heribaldo Costa, d. Julia Vasconcellos, Clovis Monteiro, Alcides Montano, Rosendo Ribeiro, Andrade Furtado e José Martins Rodrigues, os quaes assentiram em fundar, naquella capital, a "Sociedade Cearense de Educação".

Da troca de idéas ficou combinado que a aggremação se orientaria para os seguintes fins:

a) defender, a todo transe, em acção decidida, o nivel a que chegou o ensino primario com a actual reforma;

b) de um modo geral pugnar pelo progresso constante da educação popular naquelle Estado, de molde a assegurar a formação integral dos cidadãos — moral, intellectual e physica, — batendo-se tambem, pelo ensino profissional;

c) concorrer para o desen-

volvimento da cultura pedagogica no Ceará, mantendo uma revista, ou auxiliando qualquer que, para tal fim, se venha a publicar;

d) entrar em correspondencia com os centros do Paiz, onde é intensa a cultura e estudos pedagogicos, de molde a generalizar, quanto possivel, essa cultura e divulgar, amplamente, as idéas e planos sobre educação.

Alem disso, a Sociedade procurará ajudar com o seu apoio effectivo, o professorado do Ceará e as instituições auxiliares do ensino, caixas escolares, museus, bibliothecas, escotismo, etc.

**ESCOLA DE PUERICULTURA**

Sob a direcção de uma commissão de medicos, estabeleceu-se em Bruxellas uma escola de puericultura, para ensinar os cuidados hygienicos da primeira infancia. A escola foi organizada principalmente para ministrar esse ensino ás pessoas que, por dever, estão em contacto com as creanças, taes como professoras primarias, encarregadas de crèches, parteiras, mães e moças solteiras.

O curso é feito em dois annos, findos os quaes as alumnas devem prestar exame. Durante este ultimo anno, uma parte do tempo é empregada em exercicios nos hospitaes de creanças, nos dispensarios e nas crèches. A approvação em exame dá direito ao diploma de "assistente material", reconhecido pelo governo.

# CARTILHA DE HYGIENE

Adoptada pelos Governos dos Estados de S. Paulo e Ceará.

O ensino da hygiene é tão necessario quanto o da lingua. Esta prepara a intelligencia do homem, aquelle preserva sua saúde das doenças. A **CARTILHA DE HYGIENE**, do Dr. Almeida Junior é um livro inedito em nosso meio.

Ensino sobre as regras essenciaes de hygiene para conservação da saude por meio de illustrações explicadas em linguagem infantil.

5.ª edição - 30 milheiros

**PREÇO 2\$000**

**PEDIDOS AOS EDITORES:**

**MONTEIRO LOBATO & C.**

Rua Victoria N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores